
EM BUSCA DE UMA IMAGEM: UMA ANÁLISE DE “A DAMA NO ESPELHO: UMA REFLEXÃO”, DE VIRGINIA WOOLF

SEARCHING FOR AN IMAGE: AN ANALYSIS OF “THE LADY IN THE LOOKING GLASS: A REFLECTION”, BY VIRGINIA WOOLF



Dossiê

Modernismos e modernidades na literatura e nas artes

Organizadores:

Dra. Juliana Mantovani



Dr. Sidney Barbosa



Dr. Rémy Lucas



v. 31, n. 59, ago. 2022

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 19/11/2022

Aprovado em: 17/08/2022

Distribuído sob



Elena Adriana Dietrich Picolotto

elena.dietrich@hotmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Mariese Ribas Stankiewicz

m_wicz@yahoo.com.br

Professora de literaturas de língua inglesa do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, pela Universidade de São Paulo, e Mestre em Inglês e Literaturas Correspondentes, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq), intitulado Estudos Literários, Linguísticos e Culturais em Língua Inglesa e pesquisadora membro do Grupo de Estudos e Literatura Contemporânea – Comparatismo, Tradução e Interartes (GELCON) (CNPq). Pesquisa sobre as representações de gênero e o estudo das mulheres na literatura, no cinema e/ou no teatro, no escopo das culturas de língua inglesa.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

A partir da perspectiva da crítica feminista, este artigo traz uma leitura do conto de Virginia Woolf, “A Dama no espelho: Uma Reflexão”, enquanto verifica a crítica da autora à mimese realista que privilegia o detalhamento do mundo exterior, mas falha em entender, com profundidade, o mundo interior dos personagens, especialmente, das personagens femininas do conto. A análise estruturou-se em ideias verificadas em textos da própria Woolf (1997) (2019) e nos de Michelle Perrot (2005) (2017), entre outras.

Virginia Woolf; Crítica Feminista; Modernismo.

From the perspective of feminist criticism, this article shows a reading of Virginia Woolf’s short story, “The Lady in the Looking-Glass: A Reflection”, while verifying the author’s criticism of realism mimesis that privileges the detailing of the outer world, but fails to understand, in depth, the inner world of characters, especially the female characters in the story. The analysis was structured on ideas verified in texts by Woolf herself (1997) (2019), and in those by Michelle Perrot (2005) (2017), among others.

Virginia Woolf; Feminist Criticism; Modernism.

Ao usar a metáfora do espelho, em *Um Teto Todo Seu* (1929), Virginia Woolf chama a nossa atenção a uma condição que, até pouco tempo, era considerada natural ao longo do processo de construção dos gêneros, ou seja, o sentimento de superioridade do homem em relação à mulher, especialmente, no que dizia respeito a seus atos de criação literária, artística ou intelectual:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. [...] Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão frequentemente representam para os homens. E serve para explicar o quanto se inquietam ante a crítica que elas lhes fazem, o quanto impossível é para a mulher dizer-lhes que este livro é ruim, este quadro é fraco, ou seja lá o que for, sem magoar muito mais e despertar muito mais raiva do que um homem formulando a mesma crítica. É que quando ela começa a falar a verdade, o vulto no espelho encolhe, sua aptidão para a vida diminui. (WOOLF, 2019, p. 38).

De acordo com a percepção da autora, o homem do início do século XX teria dificuldade de entender a mulher em profundidade, uma vez que, ao invés disso, ele narcisicamente veria a si próprio como superior a ela. Essa condição não só minimizava muitas das capacidades da mulher, como servia para a manutenção da ordem social, fazendo com que a mulher se mantivesse em seu “lugar”, desenvolvendo seus papéis dentro do domínio patriarcal.

Woolf sabia que espelhos imaginados dessa forma refletem realidades distorcidas e, assim, tanto a escritora como muitas de suas predecessoras e contemporâneas sentiram a necessidade de transpor inúmeros obstáculos que, geralmente, privavam-nas de reconhecerem-se como possuidoras de seus espaços e de suas vozes. Em seu discurso para o National Society for Women’s Service, em 1931 – publicado postumamente como “Profissões para Mulheres” – Woolf enfatizou que as mulheres precisariam enfrentar o patriarcado e “[m]atar o Anjo da Casa” (WOOLF, 1997, p. 45). Porém, desfazer-se da imagem da mulher construída pelos anseios masculinos foi uma árdua e

complicada tarefa a ser realizada tanto por escritoras como por qualquer mulher que pretendesse se desenvolver em várias esferas sociais. O reconhecimento de si própria como capaz de realizar atividades do âmbito literário e de outras áreas do conhecimento é, na verdade, um fato muito recente e ainda não efetivamente concretizado por muitas mulheres em nossa contemporaneidade.

Elaborado em meio ao lirismo próprio da obra de Woolf, o conto “A Dama no Espelho: Uma Reflexão”, publicado pela Harper’s em 1929, trata desse difícil processo vivido pela mulher para reconhecer-se em seu espaço, enquanto precisa lidar com a tensão entre a figura feminina, quase ausente – no conto, representada pela personagem Isabella Tyson – e seu mundo interior, representado pelo discurso da narradora – vidas que, a todo momento, entrelaçam-se. O conto se constrói com a típica imersão no interior do ser tão pronunciada na obra de Woolf, lembrando-nos, significativamente, dos monólogos interiores presentes em suas narrativas anteriores, como em *O Quarto de Jacob* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925) e *Passeio ao Farol* (1927), entre outras.

Sendo assim, este artigo traz uma análise de “A Dama no Espelho: Uma Reflexão” (1929), em sua tradução feita por Tomaz Tadeu, em 2020, a fim de verificarmos o perfil de Isabella Tyson em paralelo com a realidade de muitas mulheres na Inglaterra do início do século XX. Como o subtítulo de duplo sentido do conto suscita, a narradora “reflete” sobre algumas imagens “refletidas” por um espelho. Nesse sentido, podemos perceber imagens que circundam Isabella Tyson e, também, imagens dela própria, ao mesmo tempo em que encontramos uma reflexão sobre a condição de uma mulher – de meia idade e sozinha – no confinamento de seu lar. O perfil que podemos traçar de Isabella não é muito claro, pois ele se mistura com uma profusão de detalhes de sua casa e de algumas de suas ações. A partir desses detalhes e de suas ações, conseguimos compreender que, mesmo cercada por inúmeros objetos, móveis e um lindo jardim, não conseguimos apreender a profundidade de seu mundo interior. Assim, textos da própria Woolf, tais como *Um*

Teto Todo Seu (2019) e “Profissões para Mulheres” (1997), entre outros que trazem estudos sobre as mulheres, foram muito relevantes para a realização deste estudo.

Imagens da mulher ao longo do tempo

“A Dama no Espelho: Uma Reflexão” (1929) faz-nos, realmente, refletir sobre a imagem da mulher, tanto no sentido literário como no social. Como já comentado, em *Um Teto Todo Seu* (1925), Woolf traz a metáfora do espelho, indicando que em frente a uma mulher, um homem vê a si próprio como grandioso e poderoso, pois ela seria como um espelho de aumento, reproduzindo uma imagem duas vezes maior do que realmente é. No entanto, a situação que encontramos no conto, imediatamente, leva-nos a pensar sobre como uma mulher (uma narradora) vê uma outra mulher – ou, até mesmo, a si própria. O texto é suficientemente crítico para envolver questões que, possivelmente, muitas mulheres da época ainda não estavam tão preparadas para solucionar e, de acordo com a complexidade para entendermos quem é a narradora e quem é Isabella Tyson, percebemos que o conto trata, a princípio, de um mergulho na mente da narradora, que tenta compreender (ou imaginar) quem é Isabella. A princípio, a narradora liricamente compara a personagem como sendo parte do próprio jardim que cuida, como parte da própria casa que habita. Essa é a imagem que o espelho reflete e com a qual o leitor entra em contato, sem muita clareza ou entendimento:

[...] Mais do que o aprumado áster, ela sugeria o fantástico e trêmulo convólculo, a empertigada zínia ou suas próprias e ardentes rosas, acesas como lâmpadas nos esteios retos das roseiras. A comparação mostrava quão pouco, após todos esses anos, a gente sabia sobre ela, pois é impossível que qualquer mulher de carne e osso, de cinquenta e cinco ou sessenta anos, possa realmente ser uma guirlanda ou uma gavinha. Tais comparações são mais do que fúteis e superficiais – elas são até cruéis, pois elas se interpõem, tremulando, tal como o próprio convólculo, entre os olhos da gente e a verdade. [...]. (WOOLF, 2020, p. 85).

Podemos entender que a narradora é realmente uma mulher, porque, se considerarmos a metáfora do espelho em *Um Teto Todo Seu* (1929), ela vê uma imagem feminina no espelho, a qual, apesar de parecer paralisada e não muito nítida, tem identidade e uma personalidade que se assemelha às flores de muitas camadas, com as zínias, àquelas que se enlaçam e cobrem muros ou paredes, como os convólculos, ou às altivas rosas. Sua identidade também se constitui a partir dos papéis específicos das mulheres no início do século XX – ir ao jardim para cuidar de flores e plantas e voltar para o confinamento da casa, para todos os seus pertences. Estar confinada, ou “paralisada”, como sugere a narradora, denota a condição de inércia a que a mulher estava acostumada. A narradora, em um estado que muito se assemelha ao de confinamento, descreve o que vê, enquanto está sentada no sofá da sala assistindo às monótonas cenas ao seu redor:

Mas do lado de fora, o espelho refletia a mesa do saguão, os girassóis, a trilha do jardim, tão acurada e fixamente, que tudo isso parecia inescapavelmente retido ali em toda a sua realidade. Era um contraste estranho – tudo mudando aqui, tudo imóvel ali. Entrementes, como todas as portas e janelas estavam abertas por causa do calor, havia um perpétuo som de gemido que começava e parava, a voz, ao que parecia, do transitório e do efêmero, indo e vindo como o fôlego humano, enquanto no espelho as coisas tinham parado de respirar e jaziam imóveis no transe da imortalidade. (WOOLF, 2020, p. 83).

Sabemos que a narradora vê uma mulher no espelho, mas, diferentemente da maneira como o homem vê a mulher – como um espelho de aumento que reflete sua própria imagem – a imagem que a narradora vê – que, em última instância, poderia ser dela própria – não é nítida e clara, como as descritas em romances vitorianos ou eduardianos, e a sensação que temos é que a mulher se encontra em um espaço estático e passivo, como se estivesse em um transe difícil de ser interrompido. Facilmente, poderíamos entender esse conto como uma crítica à condição da mulher no início do século XX. Com sua escrita profunda e refinada, a

autora mostra a importância da autoria feminina (e, também, as técnicas narrativas modernistas) para um maior entendimento do que vem a ser uma mulher.

Entendemos que a representação das mulheres em textos literários, artísticos ou teatrais escritos por homens em contraposição com a autoria feminina são algumas das relevantes questões presentes nas teorias e críticas feministas. Sandra Gilbert e Susan Gubar (2020, p. 36; nossa tradução) explicam a prática da representação da mulher por escritores e escritoras e o contraste que existe entre ambos:

[U]ma vida de submissão feminina, de ‘pureza contemplativa’, é uma vida de silêncio, uma vida que não tem caneta e nenhuma história, enquanto uma vida de rebelião feminina, de ‘ação significativa’, é uma vida que deve ser silenciada, uma vida cuja caneta monstruosa conta uma história terrível.¹

Percebemos, a partir de textos escritos por homens, o padrão da mulher – pura e angelical – o qual mantém a ordem social e não destabiliza conceitos vinculados à sociedade patriarcal. Woolf fala sobre essa mulher ideal, tomando como exemplo o poema “The Angel in the House” (1854), de Coventry Patmore, o qual tornou-se imortalizado exatamente por causa das argumentações da escritora:

[...] Eu vou descrevê-la da forma mais sucinta possível. Ela era intensamente compassiva. Era imensamente encantadora. Era profundamente abnegada. Ela dominava todas as difíceis artes da vida familiar. Sacrificava-se diariamente. Se havia galinha, ela ficava com o pé; se havia uma corrente de ar, tomava seu lugar nela – resumindo, ela era tão condescendente que nunca tinha uma idéia [*sic*] ou desejo próprio – em vez disso preferia concordar sempre com as idéias [*sic*] e desejos dos outros. acima de tudo – nem preciso dizer – era pura. A pureza era considerada sua maior beleza – o rubor de suas faces, sua graça maior. Naqueles dias – os últimos da Rainha Vitória – cada casa tinha seu anjo. (WOOLF, 1997, p. 43-44).

Por outro lado, as bruxas, as loucas e as megeras seriam aquelas que participariam de “rebeliões”, como apontaram Gilbert e Gubar (2020, p. 36) e que, além de banidas ou ridicularizadas, deveriam ser, assim como as puras e castas, silenciadas. Escritoras deveriam ser petulantes o suficiente para entrar em um espaço que, desde sempre, havia sido atribuído aos homens. Nesse sentido a escritora teria a sua “caneta monstruosa [que] conta uma história terrível” (GILBERT; GUBAR, 2020, p. 36). Essa ironia indica que, ainda que descreva a mulher da maneira como ela própria a vê, a escritora acaba distorcendo a idealização da “aura” feminina criada e enaltecida pelos escritores.

Além disso, é evidente que a maior parte do conhecimento que temos sobre as mulheres de séculos passados, especialmente no que diz respeito à sua vida interior, foi elaborada, imaginada ou construída por autores homens. Michelle Perrot, historiadora francesa, verificou que existe uma dramática falta da voz feminina nos diversos escritos históricos que conhecemos. A voz da mulher foi (e, tristemente, ainda é, em muitas situações) cerceada ou calada:

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra. (PERROT, 2017, p. 17; grifos da autora).

Em incontáveis textos literários, históricos e teatrais, entre outros, a mulher que procura pela sua própria voz, pelo seu próprio es-

1 “[A] life of feminine submission, of ‘contemplative purity,’ is a life of silence, a life that has no pen and no story, while a life of female rebellion, of ‘significant action,’ is a life that must be silenced, a life whose monstrous pen tells a terrible story” (GILBERT; GUBAR, 2020, p. 36).

paço ou por “um teto todo seu” é alocada longe do centro, às margens da sociedade, assim como tantas bruxas e feiticeiras dos contos de fada ou como as megeras, as madrastas e as loucas dos romances e das peças teatrais. A sua voz que brande, o seu posicionamento atrevido, a subversão dos valores pré-estabelecidos e as suas opiniões claras e bem definidas ficaram perpetuamente associados às maldades praticadas por essas personagens, aos seus desatinos imorais e às suas atrocidades. Por essa razão, desde muito pequena, a menina entende que precisa ser com a princesa ou como a fada, mesmo que precise aprender a calar a sua voz, para que possa ter o seu lugar em um espaço que pertence ao homem. Simone de Beauvoir, já em 1949, elaborou sobre a construção do gênero feminino, nos mesmos moldes que ainda fazemos em nossa contemporaneidade:

Por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e palavras, ela descobre o sentido das palavras ‘bonita’ e ‘feia’; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser ‘bonita como uma imagem’; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (BEAUVOIR, 2019, p. 23).

Assim, tanto a bruxa como a princesa são mulheres que se encontram perfeitamente sob controle na literatura de autoria masculina – cada uma à sua maneira, pois, de acordo com Perrot (2005, p. 9-10),

[n]o início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor [...]. O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo. Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência [*sic*] masculina. Silêncio no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e a uma atitude barulhenta demais como a da ‘vida fácil’. Silêncio até mesmo na vida pri-

vada, quer se trate do salão do século 19 onde calou-se a conversação mais igualitária da elite das Luzes, afastada pelas obrigações mundanas que ordenam que as mulheres evitem os assuntos mais quentes – a política em primeiro lugar – suscetíveis de perturbar a convivialidade, e que se limitem às conveniências da polidez. ‘Seja bela e cale a boca’, aconselha-se às moças casadoiras, para que evitem dizer bobagens ou cometer indiscrições.

Para conquistar o seu espaço, as escritoras precisaram desafiar e subverter muitas regras, atribuir a autoria de suas obras aos seus pais, irmãos ou maridos, esconder-se às sombras das editoras ou permitir que seus textos fossem reformulados para que pudessem se “encaixar” nos padrões sociais vigentes. Todas essas ações as deixavam felizes quando seus textos eram aceitos; provavelmente, haveria um sentimento positivo por ter alcançado um grande feito, mas, tragicamente, essas ações, também, apagaram-nas veementemente da história literária. Segundo Woolf (2019, p. 49-50),

De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher. [...] [Q]ualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, teria se matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter a certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua veia poética teria sido tão obstruída e contrariada pelos outros, tão torturada e dilacerada por seus próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental.

A mulher podia ser o “Anônimo”, os convólculos e as zínias do conto de Woolf ou, até mesmo, manter uma relação intrínseca com os objetos domésticos. Durante muitos anos, a casa foi o principal espaço ocupado pelas mulheres. Suas opiniões pouco importavam e seus pensamentos e ações eram considerados inferiores aos dos homens. Existe muito sobre as mulheres, especialmente as do passado, que se esconde em meio aos objetos domésticos ou às flores do jardim. Especialmente no início do século XX, algumas mulheres começaram a

melhor articular suas vozes no meio acadêmico e jornalístico, entre elas, Woolf e outras escritoras contemporâneas suas – como Sylvia Townsend Warner, Hilda Doolittle (H.D.), Charlotte Perkins Gilman, Kate Chopin ou Gertrude Stein – começaram a desafiar o mundo patriarcal para serem ouvidas. “A Dama no Espelho: Uma Reflexão” é um exemplo dessa preocupação com a condição da mulher no passado e ainda se faz relevante nos dias de hoje. Pedindo emprestada uma expressão de Gilbert e Gubar: “[...] para ‘libertar-se da superfície de cristal’, uma mulher das letras teria que quebrar o espelho que por tanto tempo tem refletido o que toda mulher deve ser”² (2020, p. 76; nossa tradução).

Imagens não muito nítidas – as mulheres em “A Dama no Espelho: Uma Reflexão”

Em meio ao contexto modernista, que enfatizava a fragmentação de diversas temáticas da sociedade ocidental, vemos, na obra de Woolf, especialmente em seus romances que mostram monólogos interiores³, as múltiplas perspectivas narrativas e as distorções da realidade. Além disso, um assunto emergente nesse período e, certamente, recorrente em seus ensaios, diz respeito ao resgate, à valorização e à compreensão de textos literários e artísticos de autoria feminina. Talvez, pela primeira vez na história dos estudos da mulher, autores procuraram algo além da superfície de muitas personagens femininas, o que se intensificou, sem dúvida com escritoras envolvidas com a literatura, com o jornalismo e com o teatro.

Em “A Dama no Espelho: Uma Reflexão”, entre outros contos, romances e ensaios de Woolf, podemos verificar sua tendência a

adentrar o mundo interior de narradores e personagens – traço marcante entre inúmeros escritores modernistas. Como comentamos anteriormente, Woolf se rende ao lirismo bem próprio de seus textos, enquanto descreve a maneira como vê o mundo ao redor. Fazendo isso, detalhes do espaço exterior mesclam-se com sentimentos, angústias e observações da condição em que a narradora vive. O conto atinge um grau de profundidade tão grande que, ainda que a narradora trate Isabella em terceira pessoa, não temos total clareza se a narradora e Isabella são duas personagens distintas ou se são a mesma pessoa. Em qualquer um dos casos, o leitor não consegue formar uma ideia, ou uma imagem muito clara sobre sua/s identidade/s, o que pode ser verificado exatamente como uma crítica à representação da mulher sobre a qual tão pouco se sabia. No conto, é o espelho, que reflete o mundo exterior, que acaba se revelando falho e insuficiente para entendermos, de fato, quem é Isabella Tyson.

Ao longo do período vitoriano ou do realismo eduardiano, pintores se utilizavam da técnica de pintar sobre a imagem do espelho, produzindo uma imagem invertida em relação à cena vista pelo próprio pintor, mas que produzia um efeito muito próximo da “realidade”. Da mesma forma, particularmente para os escritores realistas, o tropo do espelho expressa a mimese da realidade externa visível. É senso comum que romances realistas do século XIX tratassem o mundo exterior como plenamente observável, como aquele que pode ser descrito. As primeiras definições da literatura realista afirmavam que o romancista deveria retratar a vida com precisão e que o romance deveria ‘segurar um espelho para a vida’; em outras palavras, escritores realistas deveriam fazer um

2 “[T]o ‘set the crystal surface free’ a literary woman must shatter the mirror that has so long reflected what every woman was supposed to be” (GILBERT; GUBAR, 2020, p. 76).

3 “Existe muita discussão sobre uma distinção clara do que vem a ser um monólogo interior e um fluxo de consciência. Em âmbito geral, o monólogo interior é como o relato de uma ‘fala’ que aconteceria em nível de pensamento, ou seja, as frases e sentenças têm articulação sintática e pontuação apropriada, fazendo com que a linguagem seja coerente. Já o fluxo de consciência (que não deixa de ser um tipo de monólogo interior, sob um aspecto) apresenta uma tentativa de representação do pensamento. Sabemos que o pensamento tem uma linguagem bem particular, sendo muito difícil de ser representado por meio de palavras. Neste sentido, ao longo do fluxo de consciência, as frases e sentenças geralmente são incoerentes e desestabilizam os significados lógicos de uma ‘fala’ propriamente dita. Os pensamentos, assim, são frequentemente representados por frases fragmentadas, sintaxe alterada e sem pontuação (ou com pouca pontuação) coerente em ‘fluxos’ que podem ser extensos. [...]” (STANKIEWICZ, 2020, p. 136).

registro quase científico da vida, em uma profusão de detalhes. Sendo assim, um espelho refletiria o cotidiano da vida, que é visível, constante, observável e verificável. O próprio espelho seria um disfarce para que a retórica dos realistas pudesse representar a vida como ela “realmente” é.

No entanto, os modernistas vieram a perceber que uma vida não é simplesmente um quadro realista – ela precisa da dinamicidade e do movimento que um espelho, por si só, não consegue reproduzir. Pois, à medida em que uma imagem se movimenta, modifica-se ou sofre com os desígnios do tempo, tornando-se, dessa maneira, subjetiva, variável, incerta e fugaz; ela não é plena em si mesma. No início do século XX, especialmente, por causa dos avanços na psicanálise, escritores e críticos começavam a argumentar, então, que a mente era a fonte da realidade; que a mente é aquela capaz de entender o mundo exterior e, também, o interior.

É exatamente a subjetividade e a incerteza produzida pela imagem de Isabella, em “A dama no Espelho: Uma Reflexão”, que Woolf parece apontar. A falta de nitidez implica o quão pouco somos capazes de conhecer a personagem, se nos detivermos apenas à reflexão de sua imagem pelo espelho. No início do texto, sentada no sofá da sala, a narradora analisa o que vê refletido pelo espelho que fica no saguão (*hall*), fora da sala em que se encontra. Ela conta que a “casa estava vazia” (WOOLF, 2020, p. 81) e isso a leva a descrever, calmamente, o ambiente com muitos detalhes. A descrição cria oportunidade para uma divagação que faz com que a narradora compare a mobília e todos os objetos que vê pelo espelho a “criaturas noturnas [...] rodopiando pelo assoalho, pisando delicadamente com patas erguidas e rabos estendidos e alusivos bicos pontiagudos” (WOOLF, 2020, p. 83) – quase como se fosse a realidade se misturando a um sonho. A descrição da realidade, portanto, parece falha porque não é apreendida totalmente por meio dos sentidos da narradora, mas também pelo seu poder de abstração e imaginação. Certamente, esse espelho não é capaz de traduzir o realismo que os vitorianos se esforçavam a

aplicar em seus romances. A própria narradora sugere que “[e]ra um contraste estranho – tudo mudando aqui, tudo imóvel ali. [...] [N]o espelho as coisas tinham parado de respirar e jaziam imóveis no transe da imortalidade” (WOOLF, 2020, p. 83).

Supomos que um pouco antes do início da narração do conto, Isabella é vista descendo por uma trilha de grama, mas sai do campo de visão oferecido pelo espelho, fazendo com que a narradora foque nas comparações que faz da anfitriã com os convólculos, as zínias e as clematites – flores que representam além da própria feminilidade, também o mistério e a complexidade, especialmente os convólculos e clematites, espécies de trepadeiras que crescem entrelaçando-se em paredes e muros. Essa descrição faz com que a narradora comece a refletir sobre quem realmente é Isabela, sobre quem é a mulher além da camada superficial de convólculos e clematites:

A verdade deve existir; deve existir um muro. Era contudo, estranho que, tendo-a conhecido por todos esses anos, a gente não fosse capaz de dizer, no que concerne a Isabella, qual era a verdade; a gente ainda inventava frases como essa sobre convólculo e clematite. (WOOLF, 2020, p. 85).

Assim como essas trepadeiras que, em sua comparação, cobrem Isabella (o seu “ser” que, aqui, é referido como um muro), os armários da casa, com suas várias gavetinhas, escondem cartas que possuem, até mesmo, mais conhecimento acerca da personagem do que as pessoas que com ela convivem.

“A Dama no Espelho: Uma Reflexão” nos lembra do final de *O Quarto de Jacob* (1922), quando os muitos detalhes imaginados para a vida interior da personagem parecem se sobressair, juntamente com o escape subjetivo que emana da imaginação:

Pois também era fato – se fatos é o que a gente quer – que Isabella conheceria muitas pessoas, tivera muitos amigos; [...] a julgar pela disfarçada indiferença de seu rosto, ela tinha tido vinte vezes mais paixões e experiências do que aqueles cujos amores são trombeteados para o mundo inteiro ouvir. Sob a tensão de pensar sobre Isabella, sua sala tornou-se mais sombria e sim-

bólica; os cantos pareciam mais escuros, as pernas das cadeiras e mesas, mais apagadas e hieroglíficas. (WOOLF, 2020, p. 87).

Ao imaginar uma situação da vida de Isabella que é refletida pelo espelho, Woolf acaba criticando os escritores obcecados com a porção material da vida de seus personagens, que tantas vezes perdiam de vista o amplo mundo interior que pulsa e se transforma a todo momento. Ao mesmo tempo, denuncia a fragilidade do entendimento que esses escritores têm acerca das mulheres. Ao longo do conto, Woolf nos fornece o principal cenário a que a mulher pertence e que, ao mesmo tempo, representa o seu apagamento ou aniquilamento. Todo o lindo jardim, os móveis da sala e seus objetos pessoais procuram representar uma mulher que mal conseguimos compreender, que é muito mais ou muito menos do que podemos imaginar. Todas as coisas estão ali, liricamente descritas, mas a mulher parece ausente. A descrição do mundo exterior é incapaz de iluminar o interior da personagem:

A gente conseguia apenas ver o contorno indefinido de seu rosto, um tanto fino, contemplando o céu. Ela estava pensando, talvez, que devia encomendar uma nova rede para os morangos; que devia enviar flores para a viúva de Johnson; que era hora de ir fazer uma visita aos Hippleys em sua nova casa. Essas eram coisas sobre as quais certamente falava durante o jantar. Mas a gente estava cansada das coisas sobre as quais ela falava durante o jantar. Era seu mais profundo estado de ser que a gente queria captar e verter em palavras, aquele estado que é para o espírito, o que a respiração é para o corpo, aquilo que a gente chama de felicidade ou infelicidade. (WOOLF, 2020, p. 91-93).

Ao longo do conto, Woolf usa a mimese realista – detalhadas descrições do mundo exterior – principalmente para apontar as inadequações dessa própria mimese, que falha em alcançar o interior dos personagens. Além disso, o conto também serve para descrever a condição da mulher na sociedade inglesa do início do século XX. A guinada ao mundo interior esmiuçada pelos modernistas serviu muito bem para mostrar o quão pouco se conhecia sobre a mulher, sobre seus sonhos, anseios e opiniões.

Serviu, também, para dar-lhe voz e para falar um pouco sobre as impressões acerca de si própria e de outras mulheres.

Neste artigo, procuramos apresentar uma análise de “A Dama no Espelho: Uma Reflexão”, de Woolf, que, assim como grande parte de sua obra, revela a importância de adentrarmos o mundo interior para que possamos entender a realidade. Essa preocupação, compartilhada entre muitos escritores modernistas, marcou a sua obra significativamente. Em *Modern Fiction* (1925), a escritora sugere que “[a] vida não é uma série de holofotes simetricamente arrumados, a vida é um halo luminoso, um envelope semitransparente que nos envolve desde o início da consciência até o fim” (WOOLF, 1925 *apud* FORSTER, 1996, p. vii). Assim ela refletia sobre as tendências de seu passado imediato e como transgrediu diversos padrões, enquanto esmerava-se na técnica do monólogo interior.

Além disso, sua obra também é lembrada por tratar de assuntos que tangem ao feminino e ao feminismo. Esse conto é um dos vários textos para os quais a autora trouxe questões acerca da condição da mulher ao longo da história e do quanto o seu silêncio e apagamento social dificultou um entendimento mais aprofundado de seu ser. As descrições realistas das mulheres, feitas majoritariamente por escritores homens, por mais detalhadas que possam ser, não conseguem efetivamente alcançar o mundo interior. Essa, talvez, seja uma das principais críticas que podemos observar em “A Dama no Espelho: Uma Reflexão”.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: experiências vividas*. V. 2. Trad. Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 23.
- FORSTER, Edward Morgan. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *Mrs Dalloway*. Ware (GB): Wordsworth Editions, 1996. p. vii.
- GILBERT Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. 2. ed. New Haven and London: Yale UP, 2020. p. 36-76.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005. p. 9-10.

STANKIEWICZ, Mariese Ribas. Virginia Woolf: um mundo interior a ser abraçado. In: MARQUEZI, Rosângela; GRITTI, Letícia Lemos; PASQUIM, Daiana (Orgs.). *Conversando com mulheres de letras*. Belo Horizonte: Páginas Editora, 2020. p. 136.

WOOLF, Virginia. *A arte da brevidade: contos*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 81-97.

WOOLF, Virginia. *Kew Gardens. O status intelectual da mulher. Um toque feminino na ficção. Profissões para mulheres*. Trad. Patrícia de Freitas Camargo e José Arlindo F. de Castro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 43-45.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 38-50.

COMO CITAR

PICOLOTTO, E. A. D.; STANKIEWICZ, M. R. Em busca de uma imagem: uma análise de “A dama no espelho: uma reflexão”, de Virginia Wolf. *Revista Cerrados*, 31(59), p. 90–98. 2022. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i59.40842>